

Volteios da letra nas memórias urbanas¹

Antonio Luiz Macêdo e Silva Filho

Doutorando em História Social da PUC-SP. Bolsista do CNPq

RESUMO: O artigo discute a formação de uma cultura urbana através do exercício de escrita de memórias. A partir dos textos de Otacílio de Azevedo e Gustavo Barroso – habitantes de Fortaleza no início do século XX – abre-se uma reflexão sobre as diferentes temporalidades e experiências sociais que fundamentam a consciência da mudança e o sentido político dos atos de lembrar.

PALAVRAS-CHAVE: cidade, memória, cultura urbana, escrita, temporalidade.

ABSTRACT: This article discusses the making of an urban culture through the writing of memories. From texts written by Otacílio de Azevedo e Gustavo Barroso – inhabitants of Fortaleza in the beginning of the twentieth century – one reflects about the different temporalities and social experiences which ground the conscience of change and the political meaning of remembering acts.

KEYWORDS: city, memory, urban culture, writing, temporality.

ENTREMEANDO OLHARES E LEITURAS

Há uma conhecida frase do escritor russo Aleksandr Soljenitsin que sentencia: “O universo possui tantos centros quantos homens existem nele”. Efetuando-se uma drástica redução de escala, o mesmo poderia ser dito com relação à cidade. Nela, cada sujeito desenvolve percursos, atitudes, práticas, afetos que, embora idiossincráticos em seus traços mais evidentes, reportam também a crenças, valores e opiniões que tecem o mundo social. Todo e qualquer núcleo urbano, por sua capacidade mesma de agregar pessoas e abrigar atividades diversas, desencadeia inumeráveis interações, favorece encontros inesperados, potencializa novas experiências sociais, fomenta a constituição de percepções singulares de tempo e espaço. O convívio multifacetado que advém desse experimento coletivo se mostra em instâncias variadas – no ambiente da produção material, na vizinhança, nos laços fa-

miliares, nas festas, no deslocamento rotineiro entre a casa e o trabalho. Há, contudo, uma outra expressão cultural, sem lugar determinado, de feição capilar e movente, que é parte constitutiva do viver em cidades: refiro-me à memória urbana, que implica maneiras próprias de lidar com a duração e o instante, pois, mais intensamente que noutras configurações sociais, a cidade moderna se inscreve como ponto de tensão onde se negociam diuturnamente as pressões da mudança e as demandas da permanência. Ali a textura do passado e as projeções de futuro avultam numa magnitude sem precedentes. Como ponderou a crítica literária Beatriz Sarlo:

O impacto dos processos sócio-econômicos, iniciados na última metade do século XIX, alterou, não apenas o perfil e a ecologia urbana, mas também o conjunto de experiências de seus habitantes. [...] cidade e modernidade se pressupõem porque a cidade é o cenário das mudanças, as exhibe de forma ostensiva, as difunde e generaliza.²

A paisagem urbana se apresenta como saturação de artefatos que não transigem com salientar os rastros do empreendimento humano no decorrer do tempo, manifestos em logradouros, monumentos, edificações – todos eles resultados da proeza técnica, vestígios cuja materialidade tende a perpetuar o gesto eficaz do qual provieram, quer se trate da opulência vertical de um arranha-céu, quer remeta à singeleza de um banco de praça. Simultaneamente, é nos grandes centros urbanos que o impulso renovador e a vaga de transformações adquirem maior preeminência, como a sancionar a capacidade dos homens para a criação do novo e a liberação das tradições e do jugo da natureza. Proscênio onde se dramatizam os conflitos entre lembrança e esquecimento, a cidade guarda propriedades de um palimpsesto – para emprestar uma metáfora da linguagem escrita: nela se sobrepõem camadas de resíduos heterogêneos, oriundos de épocas distintas, compondo temporalidades mescladas de antigo e contemporâneo. Em sua obra monumental sobre os primórdios e o desenvolvimento milenar da civilização urbana, Lewis Mumford apontou a recente desagregação suscitada pela reivindicação da mudança como fim autojustificado, cujo efeito mais patente residiria na espoliação dos referenciais duradouros e no apagamento dos suportes de memória tão caros ao cotidiano da cidade:

[...] a própria cidade torna-se consumível, ou mesmo passível de ser gasta: o recipiente deve transformar-se tão rapidamente quando o seu conteúdo. Este último imperativo abala a função precípua da cidade como agente da continuidade humana. A memória viva da cidade, que outrora ligava

gerações e séculos, desaparece: vivem seus habitantes num contínuo auto-aniquilador, de momento a momento.³

Parafrazeando a ponderação de Soljenitsin, importa assinalar: “Uma cidade tem tantas memórias quantos homens habitam nela”. E, no entanto, existem mais memórias que homens, pois cada um deles constitui itinerário onde se cruzam recordações as mais díspares, que abrangem narrativas dos antepassados, eventos públicos, reminiscências de infância, celebrações oficiais. Desse arcabouço de lembranças em contínua reelaboração, boa parte concerne sobretudo a um universo privado daqueles que rememoram. Elas podem mesmo ser transmitidas a terceiros, em conversas ocasionais, encontros fortuitos ou no interior de um grupo social, mas tendem a permanecer relevantes somente para os indivíduos que as vivenciaram. Outro quinhão, todavia, pode figurar no conjunto seletivo de memórias partilhadas que formam a imagem de uma cidade, imprimindo sentido ao vórtice das transformações e fixando no tempo a impressão de um passado cujos restos exigem, no presente, sua urgente e inconclusa decifração. No entretecer dessas recordações, é possível unir a trajetória de uma vida ao cotidiano de um núcleo urbano. A despeito do substrato pessoal, algumas dessas experiências ampliadas pela evocação distinguem-se por sua narrativa ágil e concisa, seu registro duradouro no plano da escrita e o prestígio cultural de que se beneficiaram os autores, seja postumamente ou por referendo dos coetâneos.

Vários testemunhos do passado da cidade garantiram sobrevivência justamente em decorrência de sua expressão escrita. Súbita ou gradativamente, terminaram se convertendo em patrimônio (na acepção primária de bem de herança que uma dada geração transmite à seguinte) cuja repercussão legou a notícia sobre valores, sentimentos e costumes de outros tempos, acentuando a espessura histórica do espaço habitado. Ao relatarem cenas e episódios notórios ou prosaicos, emprestando-lhes coerência discursiva, esses textos transpuseram, para o universo letrado, recordações derivadas de um olhar específico sobre o fenômeno urbano: aquele construído pelos que, cientes da fragilidade e evanescência da memória, buscam assenhorear-se dela, gravando-a no papel. Mudança decisiva: ao olhar sobre uma determinada época, que o escritor de memórias apreendeu com todos os sentidos do corpo (incluindo odores, imagens, texturas, matizes, sonoridades), sucede o triunfo da palavra escrita: o que era percepção do mundo, decantada nos meandros do lembrar, torna-se daí por diante uma operação apoiada no rigor analítico do alfabeto. Na cadeia de transmissão das reminiscências, o texto memorialístico substitui o ver e o falar pelo ato de ler. Por conseguinte,

ocorre nesse gênero de escrita um entrecruzamento visceral de olhares e leituras na composição de memórias da – e sobre a – cidade. Em larga medida, a tarefa deliberada de concatenar experiências urbanas numa teia narrativa traduz a necessidade por compreender o tempo presente, amiúde destituído das marcas e significados que acompanharam as gerações precedentes e que favoreciam a produção de identidades coesas, doravante carentes de sustentação. Recordar a cidade de outrora é, igualmente, interpelar o agora, questionar a realidade urbana pela via do estranhamento conquistado no vislumbre de outras temporalidades:

Numa cidade em que o tempo se torna fracionado, em que o presente é a dimensão mais buscada, a memória esvai-se, eliminando, ao menos aparentemente, os traços da tradição. A fundação de novas bases para esse presente é a tradução mais evidente dessas tentativas de representar-significar a cidade, transpondo o referente para o texto, produzindo uma memória literária para a cidade, substituta dos registros vivos – falares, lugares, hábitos – que se perdem. A letra assume o lugar da voz como mecanismo possível de recuperação de um tempo passado que gradativamente se perde, desfaz-se frente às artimanhas modernas que refutam a tradição e defendem a importância do novo.⁴

Pretendo abordar a temática relacionada às memórias de Fortaleza mediante uma breve reflexão historiográfica sobre excertos de dois dos mais eminentes cultivadores desse tipo de prosa: Otacílio de Azevedo e Gustavo Barroso. Malgrado a clara diferença de estilo e a formação intelectual flagrantemente desigual – Otacílio era autodidata, sem passagem regular por bancos escolares (embora depois membro da Academia Cearense de Letras), ao passo que Gustavo, bacharel em direito, seria eleito para a Academia Brasileira de Letras já aos 34 anos de idade –, une-os a circunstância de redigirem lembranças em torno da capital cearense no início do séc. XX – período no qual o espaço urbano sofre remodelações profundas, em consonância com a expansão internacional do capitalismo e as prescrições do saber higienista. Uma série de incrementos técnicos já comparecia na paisagem da cidade, a exemplo do planejamento ortogonal de suas vias, a abertura de importantes artérias para a maior circulação de mercadorias, o embelezamento de praças e jardins para exercício do lazer elegante, a suntuosidade das novas edificações, o advento do cinema e do telefone, a consolidação do transporte público através dos bondes, a inauguração de linhas marítimas demandando a capital federal, a multiplicação vertiginosa dos órgãos de imprensa. Das memórias em apreço, destacarei trechos que registram momentos pessoais

coloridos pela expressão afetiva e a consciência da mudança. São eles: uma chegada e uma partida. Tratam, portanto, de situações paradigmáticas no que tange às noções de tempo e espaço, uma vez que reenviam à constatação da distância irremediável – cronológica ou geográfica – que preside a ordenação das lembranças.

OTACÍLIO DE AZEVEDO: ESTUPOR DO PRIMEIRO ENCONTRO

“Quando cheguei em Fortaleza, por volta de 1910, matuto vindo de Redenção, anoitecia. Da janela do trem, através da fumaça lançada em golfadas escuras pela trepidante locomotiva, deslumbrava-me a luz dos combustores a gás”.⁵

Primeira impressão registrada pelo adolescente Otacílio de Azevedo ao divisar a capital cearense, o clarão dos lampiões a gás não denotava simplesmente a consumação de um avanço técnico. Sua luminosidade estranha encantava e inquietava o jovem interiorano; a cidade moderna transfigura a passagem do tempo, desafia o ritmo cíclico da natureza subtraindo algumas horas à escuridão noturna. Os pequenos sóis artificiais encimados em postes esguios produzem uma atmosfera de sonho, ericam a imaginação, prenunciam alubrimentos. O lugar desconhecido abriga, também, um secreto desejo de percorrer-lhe as entranhas. Em meio a esse contato inaugural, o movimento das pessoas desconcerta: homens e mulheres formavam multidões de rostos anônimos, indo e vindo por todas as direções, numa cidade cuja estimativa indicava 60 mil habitantes.⁶ No bulício da praça defronte à estação ferroviária, emerge a recordação de diversas carroças e uma montanha de lenha, encobrendo a visão do monumento erigido em homenagem ao general Sampaio. A presença constante de animais e o acúmulo de madeira parecem detalhes irrelevantes, mas dão a ver certas continuidades da vida rural que se entremeiam no espaço urbano. Com a queima da lenha se obtinha grande parte da energia que movimentava a cidade. Ainda não tivera início a ascensão do transporte automotivo, os bondes eram puxados a burro e se deslocavam lentamente, um calçamento irregular cobria o leito das vias principais, assinalando uma rotina menos sujeita ao imperativo da velocidade e da utilização mercantil do tempo. Acanhado para nossos dias, o padrão técnico de um século atrás já incutia, entretanto, anseios de progresso, pretensões cosmopolitas e a ambição de emparelhar Fortaleza com a elegância e pujança das maiores cidades brasileiras, sugerindo implicitamente que a modernidade não cessa de produzir seu contrário – o antigo – e

de reinstaurar a busca por maior eficácia produtiva, mobilidade espacial e prosperidade econômica.

As lembranças mais recuadas do forasteiro deixam entrever uma curiosidade extrema por conhecer os lugares, observar os habitantes, percorrer ruas e praças como se tomado por um frêmito irrequieto. O vaivém de homens e coisas, mais que um banquete para os olhos, serve de convite ao deslocamento, conduz o jovem poeta em andanças e passeios de bonde, ao encontro de lojas, restaurantes, cafés – pontos de aglutinação onde a vida urbana emergia na diversidade de seus atrativos. Entre esses, porém, nenhum parecia exercer fascínio igual àquele despertado pelo cinema, cujas imagens em movimento acentuavam o aspecto transitório, sedutor e descontínuo da experiência cotidiana na cidade. Tanto assim que, nos cinco primeiros dias de estada em Fortaleza, Otacílio de Azevedo, em companhia do irmão Júlio, assistiu a quatro filmes em diferentes casas de projeção – Amerikan Kinema, Cinematógrafo Rio Branco, Cinemas Júlio Pinto e Di Maio. Prestigiado como uma das mais importantes modalidades do lazer urbano em princípios do século XX., o cinema ingressa na vida do memorialista nos termos de um rito de passagem: participar dele constitui chancela obrigatória para a integração efetiva na sociabilidade da capital cearense de outrora.

Duas outras menções se destacam no relato de Otacílio. Uma faz referência às edificações cuja finalidade precípua é permitir o movimento, a troca, o intercâmbio – cinemas, cafés, o mercado de ferro, a estação ferroviária. Antes de mais, constituem lugares de passagem, concebidos não para a fixidez, o abrigo e a contemplação (a exemplo dos monumentos públicos, residências e igrejas), e sim projetados de molde a intensificar os fluxos, difundir a comunicação, acelerar a circulação, multiplicar a errância urbana. Outro comentário evoca tanto a escrita da cidade (diluída em pequenos letreiros, nas tabuletas que indicavam os filmes em exibição e em cartazes de reclame) quanto a variedade de leituras (revistas, jornais e folhetins) favorecida pelo ambiente cultural de Fortaleza, onde o acesso ao universo das letras e às notícias de interesse geral, embora limitado, é claramente mais intenso e múltiplo, se comparado às vilas e lugarejos do interior. Na capital, as pessoas lêem e redigem em praças e cafés, povoando o espaço público com informações, idéias e opiniões que se disseminam pela escrita. Aos olhos do adventício recém-chegado, a leitura parece sugerir um certo prestígio urbano e emblema de cultura; estar na cidade propicia não só o contato com uma produção literária diversificada, mas acena também com a possibilidade de escrever e ser lido – fatores que devem ter influenciado positivamente o futuro poeta.

O memorialista, ao verter lembranças em palavras, não se furta a uma constatação singela: “Era linda, Fortaleza, não obstante ser tão pobre

e andar, ainda, descalça...”. E é retomando essa metáfora que ele arremata a narração de sua chegada ao núcleo urbano: “Pobrezinha, descalça ainda, mas já sonhando com os primeiros calçados de pedra – o calçamento desigual e áspero, renunciando as ricas futuras sandálias de asfalto...”.⁷

Para o forasteiro, a experiência urbana não constitui apenas uma ruptura nos quadros de referência temporal; supõe, igualmente, descontinuidade no espaço, esforço de travessia para alcançar o destino pretendido. Talvez por isso aquele cuja primeira visão da cidade se revelou no próprio deslocar-se sobre trilhos de ferro, encerra com a imagem dos pés descalços, a que um dia viriam sobrepujar a pedra e o asfalto – materiais em cumplicidade com a rapidez de locomoção. Compondo recordações pessoais amalhadas no contexto da metrópole em que Fortaleza se tornou, Otacílio de Azevedo produziu um registro valioso de tradições, cenas e personagens que povoavam a capital de antanho. Sabedor da voragem com que a modernidade desagrega o senso de duração e os vestígios do passado, fez do seu caudal de lembranças um testemunho a serviço dos que buscam inteirar-se da história urbana. Se a nostalgia orienta a tessitura dessa memória, o autor não cede completamente à tentação do idílio perdido. Pois, com a sensibilidade do andarilho, já percebera que, na cadência de passos desleixados ou no ritmo alucinante das máquinas, o movimento, a efemeridade e a aceleração são ingredientes paradigmáticos da cidade que se quer moderna. Egresso de um ambiente materialmente acanhado e pouco estimulante em termos culturais, ao futuro poeta o aspecto tumultuário e a dinâmica fervilhante da capital cearense formavam verdadeira aparição, permeada de mistérios e acalentada pela expectativa de uma vida mais intensa e promissora.

GUSTAVO BARROSO: ELEGIA DE UMA DESPEDIDA

1910: momento de alterações repentinas na vida de Gustavo Barroso. Contando mais de vinte anos, vivera em Fortaleza desde o nascimento. Conforme seu relato, problemas de teor político e certa dose de desilusão com as perspectivas da terra natal o levariam a assumir o propósito de migrar para o Rio de Janeiro, onde tencionava concluir o ensino superior. O clima de truculência da oligarquia aciolina figurava como ameaça iminente a todo aquele que ousasse criticar abertamente o governo estadual. Colaborador em alguns dos jornais oposicionistas, andava freqüentemente disfarçado de capanga ou mendigo, procurando resguardar-se das coações físicas aplicadas a vários dos seus amigos, também adversários dos potentados locais. No terceiro volume de suas memórias, ele comenta sobre a inviabilidade de manter-se na cidade que o vira crescer:

Malgrado minhas precauções, não me era possível continuar mais em Fortaleza. Violenta discussão com Carlos Câmara na imprensa e o que constantemente escrevia contra o governo teriam fatalmente como fim a surra policial ou cousa pior. Era forçoso emigrar, destino do cearense pela seca, pela pobreza ou pela política.⁸

À mudança para a capital da República correspondia a aspiração por um espaço social cosmopolita, livre das tutelas provincianas, propício ao contato com diferentes matrizes culturais e que, desde muito, notabilizara-se como centro catalisador da elite pensante do país. Como era usual àquela época, a viagem rumo ao Sul transcorreria por mar. A bordo de um vapor que aos poucos se distanciava da orla de Fortaleza, Gustavo Barroso reconhecia alguns marcos topográficos de maior envergadura:

Estive sentado num banco do convés, contemplando o panorama da cidade, das matas escuras do Cocó, às barreiras avermelhadas do Morro do Moinho, coroadas pelas agitadas casuarinas do cemitério. As torres caídas das igrejas espetavam o azul do céu. As curvas brancas das praias, do Mucuripe ao Arpoador, enfeitavam-se com as rendas das espumas do mar. Desde a infância, meus olhos estavam habituados àquele cenário.⁹

O foco das lembranças reporta a uma paisagem hoje desaparecida, quando o pináculo dos templos era o ponto mais alto do ambiente construído. A distância, a silhueta urbana parece adquirir uma nitidez de conjunto, mas essa visão ampliada se dá ao preço da despedida; o deleite visual tem por contrapartida o desvencilhamento da experiência concreta.

Gustavo Barroso termina seu livro rememorando a tremenda solidão que o tomou de assalto, naquela primeira noite de viagem. Tendo despertado subitamente, abriu a escotilha da cabine onde se alojara e ficou observando o mar:

Ao longe, uma luz avermelhada pisa-piscava ritmicamente dentro da noite. Calculei que devia ser o farol do Aracati. E pensei que, em breve, estaríamos longe da costa cearense. Só então compreendi e senti o passo que dera. Deixara para trás e para sempre a melhor parte de minha vida, minha infância, minha adolescência, minha primeira mocidade, minha terra, minha família, meus amigos, meus pobres objetos pessoais, tudo com que vivera e me habituara, a natureza em cujo seio me fizera, as paisagens aguardadas em meus olhos, a gente com quem me irmanara na mesma tradição e nos mesmos sentimentos, tudo o que amara. Ia enfrentar o desconhecido, as lutas em terras estranhas, as influências de outros meios, sem dinheiro e sem proteção, sozinho, sozinho, contando unicamente co-

migo. Que seria de mim? Deitei-me de bruços no sofá e comecei a chorar, abafando os soluços para não acordar os outros.¹⁰

O tom pungente desta confissão não sucumbe ao lamento; antes, almeja descrever a brutal sensação de desenraizamento e o peso do desconhecido. Uma das diferenças mais prosaicas, e fundamentais, entre pessoas que viveram em determinada época e os seus pósteros reside no fato de que estes sabem no que resultou o desenrolar dos eventos. Em nossos dias, o que a outros aparece como fato consumado era, no passado, um caminho por trilhar, alternativa de conduta, abertura de horizonte, possibilidade de ação. O fragmento citado de Gustavo Barroso tem o mérito de dramatizar o grau de incerteza que se impunha – a ponto de quase o esmagar – às expectativas dele, quando jovem aventureiro. Ao contrário da história oficial e linear, que opera por acúmulo de acontecimentos em sucessão cronológica, a memória inventa percursos inusitados, conjuga passado e futuro para interpretar o presente, pois aquele que lembra faz da experiência social matéria de uma busca contínua por entender o fluxo das mudanças e a força das permanências. O memorioso é alguém consciente de ser afetado pelo tempo: traz consigo as marcas dos eventos em que tomou parte e não ignora as fraturas, guinadas e contramarchas que estes provocaram no (dis)curso de uma vida – o que em hipótese alguma significa que ele esteja imune àquilo que Pierre Bourdieu chamou apropriadamente de “ilusão biográfica”.¹¹

Num tempo que, muito depois, seria lembrado e moldado nos encontros da escrita, Otacílio de Azevedo e Gustavo Barroso talvez pudessem ter deparado um com o outro, no traspasse distraído de alguma esquina de Fortaleza, e, desconhecendo-se mutuamente, sem demora tomaria cada um seu rumo. Residiam numa mesma cidade, mas a vi(vi)am de formas tão diferenciadas que essas experiências imprimiriam traços singulares no rascunho de suas memórias. Para o primeiro, a capital era o lugar onde sua jornada se encerrava: vindo por terra, egresso do interior, foi apresentado à realidade dinâmica e ao novo espaço que, embora repletos de encanto e surpresa, solicitavam-lhe o máximo de sua percepção e concentração, articuladas a reflexos e sensações que deveriam ser progressivamente modulados no ritmo da vida urbana, na extenuante jornada de trabalho, no contato rotineiro com centenas de corpos em movimento que, ignorados uns dos outros, acentuavam os penares da solidão, de permeio a encontros imprevistos. Para o segundo, Fortaleza era ponto de partida: cumprindo a travessia por mar, afastava-se de uma paisagem que impregnara seus valores e afetos, despedia-se das pessoas e logradouros com os quais entretecera um sem-número de peripécias de infância e juventude, pois a cidade que o vira nascer parecia

agora impedi-lo de crescer, e a busca por um meio social menos intolerante tenderia a conduzi-lo alhures, para longe das referências ciosamente ameadas no decorrer de seus primeiros anos. Otacílio veio ter a um espaço que, comparado a seu torrão natal, assumia as proporções de aglomerado vultoso, fervilhante de atividade e movimento. Gustavo deixou o que, em certa medida, se lhe afigurava um reduto provinciano, de possibilidades limitadas, em proveito da atmosfera sofisticada da metrópole carioca, cuja feição multitudinária, escala portentosa e prestígio cultural fascinavam e intimidavam os adventícios, ameaçados por um sentimento de deriva. “Cada cidade recebe a forma do deserto a que se opõe”.¹²

MEMÓRIA E COMUNIDADE DE LEITORES

Optei por orientar minha explanação tomando como matéria-prima os fios de lembranças tecidos por esses narradores de talento notório que foram Otacílio de Azevedo e Gustavo Barroso. Devo, por fim, referir os motivos da respectiva escolha, que poderia ter se voltado para outros tipos de documento: jornais, relatórios oficiais, anuários, quadros estatísticos e censos demográficos, estudos descritivos. Se estes portam informações reconhecidamente úteis acerca de paisagens, indicadores socioeconômicos, divisões de classe, hierarquias simbólicas, costumam fazê-lo sob a égide do quantitativo e da racionalidade. Sua enunciação tende a adquirir validade cognitiva somente quando obedece aos parâmetros de uma inteligibilidade objetivista, codificada em cifras, tabelas, gráficos, mapas e todo o arsenal característico das instâncias do saber competente. Empregados na conformação de um discurso administrativo destinado ao controle e normatização do espaço urbano, tais vestígios são convertidos em dados cuja função principal consiste na produção de análises autorizadas sobre a cidade. Para o olhar abstrato do técnico e as estratégias do poder, a cidade deve, antes de mais, assumir o estatuto de conceito, isto é, algo definido nos termos de um objeto do conhecimento, portanto dotado de previsibilidade, coerência, ordenação, cálculo, simetria.¹³

As memórias escritas, por seu turno, não carregam a pretensão de vislumbrar teoricamente a cidade, nem buscam subordiná-la à prescrição de modelos já consolidados. Ao contrário, relatam a existência efetiva de seres concretos, com seus lapsos, incongruências, contradições, receios e expectativas. Quando corremos a vista pelas páginas dos textos de memória, o intuito não é propriamente examinar a veracidade do narrado, ajuizar seu rigor cronológico, aferir seu nível de confiabilidade como repositório de

informações precisas. Interessa muito mais salientar que esses testemunhos guardam um profundo senso de compromisso com a época em que foram evocados e redigidos, fazendo emergir cartografias sentimentais, imprimindo substância a um exercício de reflexão cujo foco se dirige às práticas culturais de sujeitos historicamente condicionados. Como agudamente observou Marilena Chauí: “O que foi não é uma coisa revista por nosso olhar, nem é uma idéia inspecionada por nosso espírito – é alargamento das fronteiras do presente, lembrança de promessas não cumpridas”.¹⁴ Trabalho que se dá no tempo e sobre o tempo, a memória recria o passado, interpreta-o, discerne suas agruras e esperanças, olhos postos no presente, cotejando os sonhos frustrados, a dor das lutas e o sabor das conquistas, reconhecendo o dever de afrontar os paladinos da amnésia social. E é porque se esforça para atribuir significado ao vivido que o ato de lembrar precisa ter assegurada sua dignidade, não como culto ao que passou, mas como direito ao entendimento da condição temporal que subjaz às coletividades humanas.

Nos dois textos de memória aqui destacados, sobressai um outro aspecto fundamental para compreender sua especificidade: no traçado daquelas linhas e na composição das frases, a cidade não comparece revestida de propriedades generalizantes ou sob a moldura de um conceito, mas é apresentada como campo de experiências plurais, lugar propício a diferentes interações culturais, nicho onde se depositam as marcas do tempo. Ao deparar com esses feixes de lembranças cujo abrigo se fez no papel, somos afetados pela consciência de que cada um de nós, protagonistas do viver urbano, é também portador e produtor de traços de memória. Penso que os textos memorialísticos cumprem devidamente sua tarefa quando, na urdidura do relato, comunicam fragmentos de uma cidade outra, diversa da que conhecemos, eivada de densidade histórica, insubmissa aos interesses do imediato e à compulsão do novo. Ao transmitir experiências, as memórias narradas explicitam a necessidade de interlocução. Escritas para serem divulgadas, repassadas, contadas a outrem, fazem dessa partilha o cerne de sua condição. Quer isso dizer que, para efetuar o trabalho de apreensão da passagem do tempo, a obra de memória exige a presença de sua contraparte – o leitor. Noutra ocasião, defendi a alternância oportuna entre leitura e andança para aqueles dispostos a refletir de modo conseqüente sobre a história urbana de Fortaleza. Para tanto, deveriam allar a travessia das palavras ao dinamismo dos passos:

Incursionar pela diversidade de espaços e tempos da experiência urbana implica abrir-se à volúpia das sensações, sem negligenciar o conhecimento

que se abriga na leitura dos textos escritos. Donde se percebe que este exercício de reflexão crítica se nutre tanto do andar pela cidade quanto da pesquisa e consulta de obras que tematizam sua história e memória, seus costumes e tradições.¹⁵

Em um belo trabalho de exploração dos vínculos entre sensibilidade estética e vida urbana, Nelson Brissac Peixoto adverte que a “função da arte é construir imagens da cidade que sejam novas, que passem a fazer parte da própria paisagem urbana”.¹⁶ Pergunto-me se este objetivo não deveria ser abraçado, sem prejuízo das especificidades em jogo, por outros campos de conhecimento que tencionam lançar um olhar crítico sobre a cidade, nomeadamente Fortaleza. Dessa maneira se abririam outras frentes de debate e colaboração interdisciplinar, a partir das quais seria possível indagar por que e a quem interessam as políticas de esquecimento programado e exortação febril das transformações no espaço urbano. Igualmente oportuna é a interpelação a respeito do papel desempenhado pela multiplicidade das memórias, tanto na constituição ideológica das identidades quanto no refreamento de projetos alinhados ao desejo de abolir os vestígios do passado e instaurar um excesso de presente.¹⁷ Disso tudo, resta a convicção do muito a ser ainda pensado, pesquisado e discutido, sem renúncia ao substrato político que assinala qualquer produção de saber. Talvez então nos ponhamos em consonância com a premissa de explicitar o compromisso ético que deve orientar todo exercício de reflexão – sem daí extrair um imperativo missionário que implique a crença enganosa na superior posição das lides intelectuais, frente a outros ofícios e atividades. Recusando a vaidade dessa distinção, amiúde promovida a uma forma de patriciado (conforme advertiu um eminente historiador), pode-se robustecer certa disposição lúcida a compreender os trabalhos da memória não como relíquias onde se deposita o zelo nostálgico do passado ou cristalizações que redimem uma época hoje desaparecida, mas como criações situadas num determinado horizonte histórico e em cujo âmago se operam negociações e tensões entre temporalidades diferentes. E, ao reconhecer o substrato heterogêneo dos impulsos contidos nos atos de lembrar e narrar, o historiador escapa à tentação perigosa de arbitrariamente forjar um modelo de pensamento e ação colhido em momento recuado, e que se destinaria a orientar as experiências do seu próprio tempo. Distantiado desse apelo à restauração ilusória do já acontecido, ele afirma a pertinência de articular o entendimento do presente à interpretação do passado e contribui para fecundar o “sentimento de que as expressões de cultura são essencialmente mutáveis e não se convertem sem violência em normas adequadas para todos e para sempre”.¹⁸

NOTAS

- ¹ O presente texto serviu para concatenar algumas reflexões expostas em minha apresentação na mesa-redonda “Memórias da cidade de Fortaleza: leituras e olhares”, no âmbito do II Seminário de Leitura e Formação do Leitor, promovido pelo Departamento de Ciências da Informação da Universidade Federal do Ceará, em 29-30 de julho de 2004.
- ² SARLO, Beatriz. Modernidad y mescla cultural. El caso de Buenos Aires. In: BELUZZO, Ana Maria de Moraes (Org.). *Modernidade: vanguardas artísticas na América Latina*. São Paulo: Memorial; Ed. Unesp, 1990, p. 32.
- ³ MUMFORD, Lewis. *A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1982, p. 588.
- ⁴ PINTO, Júlio Pimentel. *Uma memória do mundo: ficção, memória e história em Jorge Luis Borges*. São Paulo: Estação Liberdade, 1998, p. 124-125.
- ⁵ AZEVEDO, Otacílio de. *Fortaleza descalça: reminiscências*. 2. ed. Fortaleza: Casa José de Alencar – UFC, 1992, p. 23.
- ⁶ Cf. GIRÃO, Raimundo. *Geografia estética de Fortaleza*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1959.
- ⁷ AZEVEDO, op. cit., p. 24, 26.
- ⁸ BARROSO, Gustavo. Consulado da China. In: _____. *Memórias de Gustavo Barroso: Coração de menino, Liceu do Ceará, Consulado da China*. 2. ed. Fortaleza: Governo do Estado do Ceará, 1989, p. 375.
- ⁹ Ibid., p. 376.
- ¹⁰ Ibid., p. 377.
- ¹¹ Cf. BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- ¹² CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 22.
- ¹³ Cf. PECHMAN, Robert Moses (Org.). *Olhares sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1994.
- ¹⁴ CHAUI, Marilena. Os trabalhos da memória. In: BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979, p. xviii.
- ¹⁵ SILVA FILHO, Antonio Luiz Macêdo e. *A cidade e o patrimônio histórico*. Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2003, p. 20-21.
- ¹⁶ PEIXOTO, Nelson Brissac. *Paisagens urbanas*. 2. ed. São Paulo: Senac; Marca D'Água, 1998, p. 13.
- ¹⁷ Cf. ARANTES, Antonio Augusto (Org.). *Produzindo o passado: estratégias de construção do patrimônio cultural*. São Paulo: Brasiliense; Secretaria de Estado da Cultura, 1984.
- ¹⁸ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *O espírito e a letra: estudos de crítica literária, 1947-1958*, vol. 2. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 306.